

A ALEGORIA DA CAVERNA E OS MUROS ABSURDOS: UMA PERSPECTIVA ÉTICO-FILOSÓFICA SOBRE O SUICÍDIO EM PLATÃO E CAMUS*

L'ALLEGORIE DE LA CAVERNE ET LES MURS ABSURDES: UNE PERSPECTIVE ETHICO-PHILOSOPHIQUE SUR LE SUICIDE CHEZ PLATON ET CAMUS

Edvaldo Antônio de Melo**

Robson Oliveira Teixeira***

RESUMO

A discussão sobre o sentido da vida assume papel central na reflexão filosófica existencial. Este artigo visa apresentar uma análise sobre a temática do suicídio como problema social e filosófico e, ao mesmo tempo, promover a afirmação da vida em um mundo desprovido de sentido absoluto, colocando em evidência, a partir de um longo percurso reflexivo, a filosofia de Platão e de Albert Camus. A metodologia adotada envolve uma análise crítica das obras de Platão e de Camus, explorando como cada autor enfrenta o absurdo da existência humana e a falta de sentido intrínseco na vida. Com essa constatação, o ser humano se vê obrigado a tomar uma atitude diante do absurdo presente na condição humana. Emerge, assim, uma questão central: o suicídio seria uma solução legítima ou uma abdicação da liberdade humana? Ao explorar a ideia filosófica desses autores, provindas da “Alegoria da caverna”, de Platão, como também dos *Muros absurdos*, de Camus, pretende-se, por meio desta mediação, encontrar dispositivos que atuem como meios no combate ao suicídio, descartando essa atitude como resposta ao absurdo da condição humana.

PALAVRAS-CHAVE: absurdo; Camus; suicídio; Alegoria da caverna; Platão.

RÉSUMÉ

La discussion sur le sens de la vie occupe une place centrale dans la réflexion philosophique existentielle. Cet article vise à présenter une analyse du thème du suicide en tant que problème social et philosophique et, en même temps, à promouvoir l'affirmation de la vie dans un monde dépourvu de sens absolu, en mettant en lumière la philosophie de Platon et d'Albert Camus à travers un long parcours réflexif. La méthodologie adoptée consiste en une analyse critique des œuvres de Platon et de Camus, en explorant la manière dont chaque auteur affronte l'absurdité de l'existence humaine et l'insuffisance de sens intrinsèque de la vie. Cette prise de conscience oblige l'être humain à prendre position face à l'absurdité de la condition humaine. Une question centrale se pose alors: le suicide est-il une solution légitime ou une abdication de la liberté humaine? En explorant les idées philosophiques de ces auteurs, issues de l'Allégorie de la Caverne de Platon, ainsi que des Murs Absurdes de Camus, il s'agit, à travers cette médiation, de trouver des dispositifs qui agissent comme des moyens de lutter contre le suicide, en écartant cette attitude comme une réponse à l'absurdité de la condition humaine.

MOTS-CLÉS: absurde; Camus; suicide; Allégorie de la caverne; Platon.

* Artigo recebido em 31/05/2024 e aprovado para publicação em 30/06/2024.

** Doutor e mestre em Filosofia pela Pontifícia Università Gregoriana, Roma. Bacharel em Teologia pelo Centro de Estudos Superior de Juiz de Fora (CESJF). Bacharel e Licenciado em Filosofia pela PUC Minas. Diretor Acadêmico, Coordenador do Curso de Filosofia e Professor na Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM / Mariana-MG). Editor da Revista de *Filosofia Inconfidentia* e da *Série Inconfidentia Philosophica*. E-mail: edvaldoantonio87@gmail.com.

*** E-mail: roteixeira2001@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o sentido da vida sempre esteve presente na história da filosofia e assume cada vez mais o foco das reflexões contemporâneas. Todo ser humano possui o desejo de ser feliz, ou seja, de se realizar enquanto pessoa. Diante desse desejo de felicidade, sentido e realização, o ser humano pode se deparar com um vazio, muitas vezes decorrente da ausência de respostas.

Com efeito, a busca por conhecimento faz parte da condição do homem, assim como o confronto com o absurdo¹. Auxiliados pelas ideias de Platão e Albert Camus, este artigo visa ampliar a visão do leitor em relação a um problema social e também filosófico que continua a afligir o homem contemporâneo. Embora existam reflexões profundas sobre o tema do suicídio, não é o objetivo deste artigo investigá-lo de forma específica. No entanto, as reflexões sobre o sentido da vida nos conduzem inevitavelmente ao âmago do problema social e filosófico que o suicídio representa. Ao investigarmos o sentido da vida e ao descobrirmos a condição absurda da existência, nos deparamos, na fronteira, com o suicídio, um obstáculo a ser enfrentado.

Esse obstáculo pode ser fruto do vazio que o ser humano encontra no mundo ao perguntar pelo sentido, ou talvez pela falta de mecanismos que o auxiliem a enfrentar as intempéries da existência humana. Nessa perspectiva, recorre-se à imagem do trágico² que permeia a vida do ser humano. A tragicidade da existência é evidenciada pela inevitável confrontação com o absurdo, a incerteza e o sofrimento inerente à vida. Camus e Kafka exploram essa dimensão trágica de forma profunda em suas obras, revelando como o ser humano está constantemente imerso em um estado de conflito entre a esperança e a dura realidade que o cerca. Portanto, compreender o trágico lança luz sobre as complexidades da condição humana e as tentativas de encontrar sentido.

¹ O conceito de absurdo na filosofia de Camus não é um mero termo que deve apresentar uma definição precisa. O absurdo é entendido no confronto que há entre o homem que pergunta por sentido e o mundo que permanece indiferente a essa busca: “Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo” (Camus, 2022, p. 19). A constatação do absurdo é fruto da sensibilidade e da reflexão.

² O trágico marca toda a obra filosófica de Camus, sobretudo nas questões referentes à condição humana. Pode-se fazer uma aproximação entre o pensamento de Franz Kafka (1883-1924) e a filosofia de Albert Camus (1913-1960). Ambos os autores trabalham a condição trágica do homem, assim como exploram o absurdo da existência humana. No “apêndice” de *O mito de Sísifo* (2022, p. 145-159), na sua 25ª edição, encontra-se um texto de Camus sobre “A esperança e o absurdo na Obra de Franz Kafka”. Esse trecho possui alguns aspectos que permitem intuir a aproximação das ideias de Camus e Kafka.

Percebe-se, desse modo, que ao investigarmos o tema do suicídio como parte integrante das discussões sobre o sentido da vida, a supressão da vida deixa de ser um problema simplesmente social, tornando-se um objeto de pesquisa filosófica. Seria possível encontrar um meio eficaz que colocasse fim ao suicídio? Ou, quem sabe, descobrir maneiras de ajudar aqueles que desejam suprimir a vida a tomarem uma atitude contrária? Eis um grande problema filosófico.

1 A CONEXÃO ENTRE A ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO E O DESESPERO SUICIDA

A filosofia de Platão pode ser analisada de forma geral e integrada a partir da questão do conhecimento, ou seja, por meio de uma análise em busca daquilo que é real e verdadeiro. Este enfoque no campo da epistemologia na filosofia de Platão tinha como objetivo e significado uma preocupação com a política, a moral e a ciência.

A obra de Platão se caracteriza como a síntese de uma preocupação com a *ciência* (o conhecimento verdadeiro e legítimo), com a *moral* e a *política*. Envolve assim um reconhecimento da função pedagógica e política da questão do conhecimento. Sua conclusão é que o *conhecimento* em seu sentido mais elevado identifica-se com a visão do Bem (Marcondes, 2010, p. 51).

Desse modo, pode-se perceber o papel central da razão nessa busca pelo conhecimento. A filosofia auxilia na saída do senso comum para uma verdade objetiva, sem negar o senso comum nesse primeiro momento, uma vez que o ponto de partida do raciocínio crítico advém dele.

Marcondes (2010) apresenta-nos duas visões interpretativas acerca do pensamento platônico. A primeira está vinculada a uma linha mais contemplativa que, a partir do desenvolvimento da reflexão filosófica, põe de lado o que é próprio da realidade concreta, passando para o campo da abstração. “Daí se origina o sentido vulgar que o termo ‘platônico’ possui ainda hoje, com a conotação de ‘contemplativo’, como na expressão ‘amor platônico’” (Marcondes, 2010, p. 57). A segunda visão, porém, diz respeito a um lado mais prático da filosofia. E é justamente este lado prático que nos interessa: “Platão mantém essa preocupação essencial. O interesse prático da filosofia está, segundo ele, voltado para a dimensão ética e política da existência humana” (Marcondes, 2010, p. 57).

Assim, vincula-se à teoria do conhecimento de Platão, sobretudo no âmbito prático da filosofia: quais seriam as implicações na vida humana que se conhece e, conseqüentemente, se

precisa escolher? O ser humano teria a capacidade de decidir e estabelecer critérios para tais escolhas? Quais as normas para realizar uma escolha?

A “Alegoria da caverna”, de Platão (*República*, VII, 514a-517d), apresenta uma imagem muito significativa que representa o ser humano no processo de libertação, ou seja, em busca de conhecimento. O ser humano, que antes estava preso na caverna sob o julgo de sombras, passa a contemplar a verdadeira luz e a realidade tal como é. No entanto, a questão que aqui nos interessa é a postura do homem que, após ser liberto das correntes que o mantinham refém na caverna, toma consciência de que, desde sua infância, fora enganado pelas sombras projetadas na parede.

Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objectos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objectos mais reais? E se ainda, mostrando-lhe cada um desses objectos que passavam, o forçassem com perguntas a dizer o que era? Não te parece que ele se veria em dificuldades e suporia que os objectos vistos outrora eram mais reais do que os que agora lhe mostravam? (Platão, *República*, VII, 514c-d).

Com isso, percebe-se, pelo trecho acima, que o processo de libertação é algo doloroso. Dessa forma, questiona-se a possível relação desse processo de libertação com questões existenciais, como exemplo, o suicídio. Não seria ele um modo de reagir diante da dor ou do deslumbramento vivido pelo homem que sai da caverna e toma consciência da realidade concreta?

2 DESVENDANDO A FILOSOFIA DE CAMUS E SEU DIÁLOGO COM O SUICÍDIO

O suicídio é considerado por Albert Camus como o único “problema filosófico realmente sério” (Camus, 2022, p. 17). Trata-se de uma afirmação importante, ao evidenciar que, além de ser o único problema realmente sério, é também o maior problema filosófico. Nesse sentido, surge um aparente paradoxo, pois parece implicar que Camus ignora outras correntes filosóficas com seus problemas filosóficos.

Entretanto, isso não quer dizer que a obra de Camus *O mito de Sísifo* esteja somente direcionada para a temática do suicídio e nem que ofereça métodos de “autoajuda” para tal questão. Trata-se, na verdade, de uma obra que busca estimular a reflexão do leitor que,

muitas vezes, é inclinado a abstrair o concreto da realidade, concentrando-se no inumano, desprezando o que é próprio do ser humano, conforme afirmado por Guimarães (1971, p. 11):

A atitude de deixar de lado o humano reduz a filosofia a um mero jogo de palavras, difícil às vezes, porém sempre oco. O pensador se compraz no terreno das abstrações e não se dá conta do nada solene de seu problema e de sua solução. O uso da abstração na filosofia, uso de certo modo inevitável, como em qualquer domínio do conhecimento, tende, com facilidade, para um excesso.

Camus (2022) aborda a ideia de uma “sensibilidade absurda”³, confirmando que sua filosofia é permeada de aspectos que permitem pensar sobre a condição humana. A filosofia de Camus possui algumas características basilares, tais como: inserção no presente da história, consideração dos problemas humanos e a capacidade de nos conscientizar de nossa própria condição tida como absurda. Conforme observado por Guimarães (1971, p. 11), “o Filosofar será, em toda obra de Albert Camus, mostrado como uma atividade premente, dirigido a solucionar problemas decisivos”.

De fato, a condição humana é permeada pelo absurdo. Contudo, são poucos os homens que tomam consciência dessa condição. Camus (2022, p. 19) afirma que “[...] começar a pensar é começar a ser atormentado”. Por um lado, talvez seja esse o motivo pelo qual muitos homens buscam o caminho da abstração. Em outras palavras, optar pela abstração seria o mesmo que mentir, pois significaria ultrapassar os próprios limites, tendo como consequência a própria mentira (Guimarães, 1971, p. 12). Por outro, há aqueles que se abrem à sensibilidade e, como consequência, adquirem a consciência de sua condição, que é fruto do pensamento. No entanto, não são todos que possuem a capacidade de superação do absurdo, o que torna o suicídio uma possível resposta a esse problema.

O problema filosófico discutido por Camus possui implicações densas. Por um lado, o suicídio surge como uma possível resposta ao absurdo; por outro, há um apelo à esperança, que o autor denomina como “suicídio filosófico” (Camus, 2022, p. 43-64).

Este ponto é decisivo, pois demarca duas formulações acerca do suicídio, são elas: o suicídio físico e o suicídio filosófico. O suicídio físico ocorre quando o sujeito esgota todas as suas possibilidades de sentido e representação, dessa forma não consegue mais se projetar no

³ O termo sensibilidade, usado por Camus, refere-se à capacidade de perceber e conseqüentemente reagir à natureza absurda da condição humana. A sensibilidade é fundamental na filosofia de Camus, uma vez que, como nos afirma nas páginas de *O mito de Sísifo*, “tratam de uma sensibilidade absurda que podemos encontrar esparsa no século — e não de uma filosofia absurda que o nosso tempo, para dizer com propriedade, não conheceu” (Camus, 2022, p. 15). O conceito de sensibilidade absurda expressa a necessidade de enfrentar a realidade sem ilusões.

futuro por meio de seu horizonte de significatividade. Como consequência, ele se depara com a sua condição absurda, que sempre esteve presente, mas nunca antes reconhecida. O suicídio filosófico está relacionado à esperança, diz respeito àquilo que leva o ser humano à condição de alienação em relação à sua própria condição absurda. Em outras palavras, além de abstrair-se de sua condição encarnada, é abstraído do próprio pensamento. Camus descreve “dois sujeitos”: aquele que reconhece sua condição absurda e aquele que não a reconhece. Estes “dois sujeitos” encontram sua unidade no sujeito do cotidiano. No entanto, surgem as seguintes questões: qual seria o problema do apelo à esperança? A esperança pode alienar o sujeito de sua condição, livrando-o do suicídio físico como resposta ao absurdo, mas de tal modo que o sujeito continua vivendo a sua vida⁴?

Não haveria outro caminho que pudesse orientar o ser humano senão escolher entre uma das atitudes mencionadas. No entanto, o próprio autor expõe este questionamento: “Será que seu absurdo exige que escapemos dela [da condição], pela esperança ou pelo suicídio?” (Camus, 2022, p. 22-23).

3 MITO E ABSURDO: UM CAMINHO DE SUPERAÇÃO DO SUICÍDIO COMO PROBLEMA FILOSÓFICO

Camus possuía grande estima por Platão, o qual buscou “fundamentar a unidade de todo ente, no retorno a um primeiro princípio” (Pieper, 2004, p. 183). A questão da unidade e da busca por uma pátria que seja sentida como sua são temas presentes tanto na filosofia de Platão, quanto na filosofia de Camus. Assim, a “Alegoria da caverna”, como também a filosofia de Camus, expressam, de modo significativo, e confirmam, por assim dizer, uma pré-disposição do ser humano para o conhecimento.

O que impulsiona o homem da caverna para a luz exterior, é o “eros” filosófico, o desejo da razão por uma satisfação onabrangente, que ela não é capaz de encontrar no oprimente reino das sombras da caverna. A alma, como sede da razão, pressiona a a sair da estreiteza do interior da caverna e ingressar na amplidão cósmica como sua legítima pátria, e é precisamente este anseio, do qual também Camus não se cansa de falar (Pieper, 2004, p. 183).

Albert Camus (2022, p. 25-42), em seu ensaio filosófico *O mito de Sísifo*, apresenta a metáfora dos “muros absurdos”, que representam os obstáculos e limitações intransponíveis que o ser humano enfrenta na busca de significado e sentido em um mundo que se apresenta

⁴ Sobre esta temática sugerimos ver Disconzi (2023, p. 107-122).

indiferente e absurdo. Do mesmo modo, na filosofia de Platão, existem obstáculos que impedem os homens que continuam dentro da caverna de acreditarem nas verdades daqueles que fizeram uma experiência fora. Além disso, é possível pensar nas dificuldades enfrentadas por aqueles que deixam a caverna, mas não têm o compromisso de retornar para auxiliarem aqueles que continuam sob o julgo das sombras a saírem para a luz. Isso ocorre pelo simples fato do sofrimento ao deslumbramento, ou até mesmo pelo espanto ao tomar consciência da própria realidade.

Platão e Camus descartam o suicídio como atitude a ser colocada em prática. A “Alegoria da caverna” oferece espaço para essa reflexão. No diálogo *Fédon*, encontramos, de uma forma clara, a negação do suicídio como ação a ser praticada. No referido diálogo (Platão, *Fédon*, 61c), Sócrates, próximo de sua morte, ao discutir sobre o tema do prazer e da dor com Símiias e Cebes, afirma que Mesmo talvez siga o mesmo caminho dele, a saber, jamais atentar contra a sua vida. A esta afirmação, Cebes questiona Sócrates o porquê de não atentar contra a sua própria vida: “Como podes dizer, Sócrates, que, por um lado, não é lícito exercer violência sobre si mesmo e que, por outro, o filósofo deve estar disposto a seguir aquele que morre?” (Platão, *Fédon*, 61d).

A partir disso, a discussão gira em torno da busca por uma resposta que atenda ao questionamento de Cebes e que justifique a afirmação de Sócrates. Em um primeiro momento, Sócrates afirma algo que pode parecer estranho:

[...] que esta seja a única questão simples entre todas e que nunca tenha sido apresentada ao homem como as demais. Sim, há casos e indivíduos para quem seria melhor estarem mortos que vivos, mas o que talvez possa parecer chocante é que para esses indivíduos, para quem valia mais estarem mortos, seja uma impiedade que deem este benefício a si mesmos e tenham que esperar que seja outro o seu benfeitor (Platão, *Fédon*, 62a).

Ora, de acordo com o diálogo, pode-se intuir que, nos seres humanos, há uma absoluta vontade de viver, mesmo para aqueles para os quais a morte seria preferível à vida. No entanto, a resposta não agrada nem a Cebes, e muito menos a Símiias, que concorda com os questionamentos de Cebes.

Assim, Sócrates reforça essa justificativa utilizando-se de uma explicação dos órficos que afirmam que “os homens estão numa espécie de cárcere do qual não devem libertar-se a si mesmos nem fugir” (Platão, *Fédon*, 62b). No entanto, a vontade de viver também passa a ser um dever de libertar-se e evadir-se. Caso contrário, seria então uma violação moral em

relação aos deuses, e caberia somente esperar o momento em que estes decidiriam pôr fim à vida.

Mesmo com essa explicação, Cebes e Símiás almejam um esclarecimento que pudesse convencê-los. Desse modo, Sócrates argumenta acerca de sua atitude diante da morte. Seria muito natural qualquer pessoa se irritar diante da morte, sobretudo no caso de Sócrates. No entanto, ele afirma que a irritação seria um impedimento para justificar a esperança que tanto defendeu em vida.

Tentarei defender-me perante vós de maneira mais convincente do que se estivesse diante dos juízes. Ó Símiás e Cebes! Se eu não acreditasse primeiro, que chegaria junto a outros deuses bons e sábios e, depois, junto a homens já mortos bem melhores do que os daqui, cometeria um erro se não me indignasse com a morte. Mas, o caso é que, sabê-lo bem, tenho a esperança de ir para junto de homens que são bons; apesar de não poder dizer isto de forma categórica; porém, partirei para junto de deuses que são excelentes donos, continuarei a afirmar, vós bem sabeis, mais do que qualquer outra coisa do gênero que se pudesse afirmar. De maneira que, por essa razão, não me revolto tanto como me revoltaria em caso contrário, senão que tenho a esperança de que há algo reservado aos mortos (Platão, *Fédon*, 63c).

De acordo com a citação acima, Sócrates não foge da dor e do sofrimento mesmo diante da morte mais trágica. A atitude socrática parece justificar que é possível enfrentar o absurdo sem precisar recorrer ao suicídio. Isso se manifesta em seu esforço sem se revoltar. No entanto, na leitura de Camus, sob o viés de *O mito de Sísifo*, a pergunta que emerge é a seguinte: seria possível escapar dos absurdos sem a esperança?

A justificativa apresentada por Sócrates parece apelar para a esperança, sendo esta talvez a que torne o homem capaz de não atentar contra a própria vida. Se, portanto, espera-se algo que esteja em outra vida, com a prática da virtude espera-se que tal crença ou desejo seja confirmado. Atentar contra a vida seria, por assim dizer, um contrassenso⁵.

Camus, como mencionado no início deste tópico, apresenta em seu ensaio *O mito de Sísifo*, a expressão “muros absurdos”, ou seja, situações do cotidiano e da própria existência que por diversas vezes impedem o ser humano de sobressair ao absurdo. A partir disso, Camus desenvolve que o caminho para a condição absurda do ser humano não é o suicídio.

⁵ Pode-se recorrer aqui a Kant (2019 p. 63), o qual entende que seria uma contradição, uma pessoa que, por uma série de desgraças, desespero e diante do tédio da vida, perguntasse se não seria contrário ao dever para consigo atentar contra a própria vida. De acordo com Kant, essa máxima não poderia se tornar uma lei universal da natureza, pois estaria em contradição com o princípio supremo de todo o dever que é o princípio de conservação da vida.

De modo crítico, Camus (2022, p. 15) nos ajuda a entender, e até mesmo mudar a ótica de nosso pensamento, quando intui que o absurdo da condição humana, que tem seu ápice na morte, não deve ser o ponto final, mas sim “um ponto de partida”. Conforme entende Guimarães (1971, p. 58):

Se o trágico constatado é a própria realidade, a fuga do trágico é a fuga da realidade. Logo, é suicídio. O suicídio é a fuga da confrontação entre os dois termos que realizam o absurdo. Não só a morte que me dou, negando a consciência, mas é também a concordância com o real, a procura de justificação, no irracional, para a realidade. É, então, a evasão do salto⁶, o suicídio filosófico.

O que poderia ser interpretado aqui como fuga deve ser substituído pela postura filosófica que Camus (2011, p. 286) denomina de “revolta”. Esta se configura como “a afirmação de uma natureza comum a todos os homens”. Nesse sentido, é de suma importância retomar a filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900) em quem o próprio Camus se inspira para trabalhar a questão da afirmação da vida: “De Nietzsche há um caminho que conduz a Albert Camus, o qual radicalizou ainda mais o princípio de Nietzsche ante a precária situação do ser humano num mundo ateu sem sentido” (Pieper, 2004, p. 182). E assim, mesmo consciente de sua condição absurda, o homem decide lutar contra, mostrando sua capacidade de não se evadir da realidade. Torna-se evidente que a revolta que Camus propõe possui tanto um aspecto “positivo” quanto “negativo”.

[...] a revolta não é somente afirmação, mas também recusa, ou seja, possui um aspecto negativo e outro positivo: o primeiro é a recusa da morte e de todo sofrimento humano; já seu aspecto positivo é a afirmação de um limite, da dignidade da natureza humana e a efetivação da solidariedade entre os homens. A revolta busca um equilíbrio entre a negação e a afirmação (Pimenta, 2018, p. 149).

Assim como a constatação do absurdo é fruto de uma sensibilidade, a capacidade de buscar a revolta como postura, em vez do suicídio, também segue o mesmo caminho. A própria efetivação da solidariedade entre os homens seria um possível mecanismo de recusa ao suicídio, uma vez que a consciência da condição humana surge do particular dos seres humanos e estende-se para o universal deles.

⁶ No *Mito de Sísifo*, ao abordar sobre o “suicídio filosófico”, Camus (2022, p. 43-64) tece críticas à filosofia de Kierkegaard no que diz respeito à questão do salto na fé, pois este funciona como uma espécie de fuga da realidade. Além disso, Camus rejeita a postura religiosa frente à problemática do absurdo, de tal modo que o “salto na fé” seria uma crença irracional.

Na experiência do absurdo, o sofrimento é individual. A partir do movimento de revolta, ele ganha a consciência de ser coletivo, é a aventura de todos. O primeiro avanço da mente que se sente estranha é, portanto, reconhecer que ela compartilha esse sentimento com todos os homens, e que a realidade humana, em sua totalidade, sofre com esse distanciamento em relação a si mesma e ao mundo. O mal que apenas um homem sentia torna-se peste coletiva. Na nossa provação diária, a revolta desempenha o mesmo papel que o *cogito* na ordem do pensamento: ela é a primeira evidência. Mas essa evidência tira o indivíduo de sua solidão. Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. Eu me revolto, logo existimos (Camus, 2011, p. 35).

A postura do homem que faz a opção pela revolta assume, portanto, essa responsabilidade de ser solidário. Esse gesto dará aos homens a capacidade de optarem pela vida, ao invés de suprimi-la diante da crise de sentido e do absurdo da existência. O homem, portanto, não se vê sozinho, e percebe que a condição absurda é para todos. Essa visão não é utópica, pois toca a realidade concreta do indivíduo.

Ainda, sim, podemos incluir a diferença que há entre a revolta e a revolução, na filosofia de Camus. Enquanto a revolta é entendida como uma resposta existencial ao problema do absurdo, embasada na resistência moral contra forças opressoras; a revolução, embora motivada por ideias nobres, muitas vezes promove a transformação social por meios coletivos e violentos. Assim afirmou Camus (1965, p. 401 *apud* Pimenta, 2018, p. 153): “A infelicidade é que nós estamos no tempo das ideologias e das ideologias totalitárias, isto é, bastante seguras delas mesmas, de sua imbecil razão e de sua curta verdade, para ver a salvação do mundo em sua própria dominação”.

Na filosofia camusiana, destaca-se a valorização do indivíduo como ser capaz de tomar consciência do absurdo e, conseqüentemente, optar pela revolta como postura coerente diante do suicídio. A revolução, por assim dizer, desconsidera o que é próprio do indivíduo, tornando o coletivo como mais importante. Retomando o que fora discutido anteriormente sobre a solidariedade e aplicando-o para a presente questão, a consciência do que é comum a todos os seres humanos parte da singularidade de cada um e se estende para o universal.

CONCLUSÃO

Diante do caminho de reflexão filosófica realizado até o momento, pode-se intuir que, de fato, o suicídio é um problema filosófico. Talvez a filosofia não ofereça de modo objetivo uma resposta efetiva para tal problema, mas, sim, proponha uma abordagem reflexiva sobre a questão; ou melhor, possibilite a discussão sobre a “sensibilidade absurda” que circunda o

grande problema filosófico realmente sério, o suicídio. Desse modo, a reflexão filosófica torna-se de suma importância, mesmo diante do desejo de suprimir a própria vida.

Tanto na filosofia de Platão quanto na de Camus é notável que o ser humano possua certa disposição para o conhecimento, ou seja, o homem deseja avançar, cada vez mais, no conhecimento da verdade e de si. A existência e a condição humana entram em jogo nesse anseio pelo conhecimento, e os problemas decorrentes dessa “amplidão cósmica” se manifestam. Entre os problemas, destaca-se o desejo de suprimir a vida, fruto talvez da dificuldade de compreendê-la, seja pelo impulso por conhecer, seja pela constatação do absurdo.

Para ambos os filósofos estudados neste artigo, o suicídio é descartado como possibilidade de ação, pois não resultaria em solução, mas sim na fria consolidação do absurdo, ou, como visto no *Fédon* de Platão, num contrassenso. Desse modo, a busca por evasão da realidade é anulada.

Embora a temática do suicídio mereça um maior aprofundamento, a relação entre Platão e Camus é bastante sugestiva, no sentido de nos instigar a relacionar o mito da “Alegoria da caverna” (de Platão) com os “Muros absurdos” (de Camus) na busca por conhecimento da realidade e seus desafios. Mas, afinal, como caracterizar a postura dos pensadores em questão? A postura assumida por Platão tende a ser mais abstrata, voltada para os princípios ético-metafísicos; diferentemente, a postura de Camus se volta para o concreto da vida, de modo existencial. Para o pensamento platônico, a prática da virtude seria uma possível resposta ao absurdo, acreditando numa esperança “além” – imortal; já para o pensamento camusiano, não há uma alternativa fora do concreto da vida, pois, do contrário, seria uma fuga. O pensamento de Camus é um convite a assumir a condição absurda, o que não significa fazer uma opção pelo suicídio.

Retomando o diálogo *Fédon*, sobre a imortalidade da alma, de fato, pode-se interpretar Platão sob o viés da esperança, no sentido da abstração, como saída para o problema da morte. No mundo das ideias, a esperança socrática não deixa de ser uma alternativa para o problema do suicídio, mesmo que a questão da esperança religiosa não seja assumida na postura camusiana.

Em se tratando do conhecimento, ao que toca profundamente o desejo humano, tomamos a “Alegoria da caverna” em sua relação com os “Muros absurdos” de Camus como elemento fundamental para evidenciar as implicações ligadas à tomada de consciência da realidade concreta. Isso ocorre quando nos deparamos com o absurdo. A “Alegoria da

caverna” mostra que, se os sujeitos estão alheios à condição humana, sem tomar consciência de como é o mundo, jamais se darão conta do problema do suicídio. Lendo a primeira parte de *O mito de Sísifo*, nota-se que o autor critica toda forma pela qual o ser humano assume posturas abstratas em relação à vida, mas instiga-nos à afirmação da vida no seu aspecto concreto.

Afinal, o que levaria alguém a optar pelo suicídio? Ora, o absurdo é o que esgota sentido e significatividade. Seguir uma perspectiva de vida marcada pela prática da virtude, no cotidiano, manteria o ser humano no caminho da abstração, pois seria algo entendido como uma fuga. Persiste, portanto, a pergunta: qual é o sentido da vida? Entendemos que a filosofia de Camus é justamente uma crítica a modelos filosóficos que tendem a distanciar o sujeito de sua condição. O próprio autor afirma que a vida vale a pena ser vivida mesmo não tendo um sentido. O ponto que introduz o conceito de revolta é justamente isto: consiste em viver e afirmar o não sentido da vida como um movimento constante de revolta.

A filosofia talvez não consiga responder com precisão qual o caminho para a superação do suicídio. No entanto, tanto a filosofia de Platão quanto a de Camus apresentam reflexões que nos permitem, em sã consciência, não optar por suprimir a vida.

É de suma importância ressaltar que, embora não tenhamos abordado as questões psicológicas que, muitas vezes, contribuem para a prática do suicídio, este é um ponto que pode e deve ser levado em questão. Nosso foco, no entanto, limitou-se a uma reflexão filosófica, que ampliou nosso modo de perceber o suicídio. Esta ação é muito mais que um problema social, é um problema filosófico.

Inspirados no modo platônico ou camusiano, podemos assumir uma postura de quem “caminha na esperança” ou de quem deseja afirmar a vida, descartando toda espécie de fuga da realidade em que vivemos. A filosofia é, em sua grande parte, teoria, no sentido do olhar desinteressado do “juiz em campo”, mas sempre no jogo da vida que exige enfrentamento e não fuga. Desse modo, filosofar implica admitir o absurdo como parte do trágico da existência, vinculado à prática da vida e sugerindo elementos positivos. Afirmar o sim à vida é viver de forma esperançosa⁷, não uma esperança de fuga, mas que nos coloca no concreto da realidade. Por isso, a solidariedade entre os homens se torna um caminho efetivo para a afirmação da vida, ou seja, o não desejo de suprimi-la.

⁷ A menção ao termo “esperança” é diferente da associação que Camus faz. O autor entende a esperança como fuga da realidade. Aqui a esperança é posta como postura consciente da realidade e como desejo de viver mesmo diante da condição absurda.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. 9. ed. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2011.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 25. ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2022.

DISCONZI, Piero. Do absurdo à afetividade: possíveis aproximações entre Albert Camus e Michel Henry, **Filogênese**, Marília, v. 18, n. 2, p. 107-122, dez. 2023. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/#!/revistas-eletronicas/filogenese/edicoes-antiores/volume-18-n-2/>. Acesso em: 24 maio 2024.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem**: mundo, absurdo, revolta (ensaio sobre a filosofia de Albert Camus). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Pedro Galvão. Lisboa: Edições 70, 2019.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

PIEPER, Annemarie. A pergunta sobre o sentido numa época absurda. *In*: FLEISCHER, Margot (org.). **Filósofos do século XX**: uma introdução. Tradução de Benno Dischinger. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

PIMENTA, Danilo Rodrigues. A revolta em Albert Camus. **Kalagatos**, Fortaleza, v. 15, n. 1, jan./abr., 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6294>. Acesso em: 27 maio 2024.

PLATÃO. **A república**. 14. ed. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

PLATÃO. **Fédon**. Tradução de Adelino Dias. Porto: Areal Editores, 2005.